

HISTÓRIAS E EXEMPLOS NAS LENDAS CUIABANAS

Pedro Rocha Jucá

Com sabedoria, as lenda cuiabanas são transmitidas ao longo dos séculos anexando experiências ao seu farto contexto folclórico e regional. Correspondendo a diferentes épocas, esse dinâmico processo emissor permite o surgimento de mais lendas, pois elas vão brotando da contínua produção cultural filtrada através das gerações. Desta maneira, são enriquecidas pelo envolvimento histórico ou pelo aspecto positivo dos exemplos. O Estado de Mato Grosso vive um período de amplo desenvolvimento sócio-econômico, apresentando uma nova realidade demográfica. Porém, dificilmente surgirão lendas como as da Procissão das Almas, do Bate Bruaca, do Troá, do Candimba, da Carroça Mal Assombrada, do Minhocão do Pari, do Negrinho da Desavença e outras.

É fácil identificar em todas essas lendas o cuidadoso trato de temas e personagens com os rígidos critérios de dignidade exigida pela competência do fértil saber cuiabano. A cultura popular é extraordinária na sua capacidade de invadir o que é desconhecido para fazer incursões no além com grande versatilidade. Nesse ângulo, as lendas superam os parâmetros da história, pois a imaginação abre o caminho para o infinito. E se isto ocorre durante a infância, a mensagem das lendas ficará para sempre gravada em nossa memória, pois a curiosidade recebe o reforço da saudade.

Encontramos nas lendas cuiabanas uma deliberada vocação de preservar valores que são importantes em todas as épocas, projetando-os no futuro. Com características folclóricas ou não, elas são perpetuadas por uma amplo processo de comunicação, oferecendo um conteúdo rico e simples de experiências pedagógicas das mais proveitosas. Além disso, permitem uma abordagem analítica com exemplos, no exercício legítimo de uma história oral facilmente compreendida.

A lenda da Procissão das Almas nos ensina a não interferir na vida alheia, pois a vela recebida por aquela moça curiosa ao anoitecer foi transformada em osso humano na manhã seguinte. Na lenda do Bate Bruaca

temos duas lições: não devemos brincar com coisas sérias e que mentira tem perna curta. As almas do frade e do oficial da Marinha jamais apareceram nas proximidades do Cemitério do Segundo Distrito, embora tenha sido encontrado, numa escavação feita nas vizinhanças, um rosário de frade, sendo as contas feitas com castanha portuguesa e ligada umas às outras por uma corrente de fio de cobre.

Por sua vez, a lenda do Troá nos leva a um passado cheio de preconceitos em relação ao casamento entre pessoas próximas, não escapando nem os compadres, mas no ensina a necessidade de conservar o matrimônio com instituição básica. A viúva que se amasiou com o compadre viúvo virou Troá, um tronco de árvore, com penugem, mas desganhado, que depois da meia noite se arrasta na escuridão das matas com ruído semelhante a troá, troá, e assim, noite a dentro. Tiramos daí outras lições: o cuidado que deve haver na escolha das amizades e a importância da mulher no ambiente familiar.

A desmoralização do mau caráter está evidente na lenda do Candimba. Trata-se de uma pessoa sem qualquer defeito físico, que ficou deformada, até com rabo, depois de maltratar a sua mãe. Não será necessário lembrar que mãe é um ente sagrado.

Dos 12.000 habitantes de Cuiabá no ano de 1868, mais da metade morreu em consequência da bexiga negra, ou varíola, que se espalhou na Guerra do Paraguai. Os sobreviventes da peste ficaram traumatizados com os muitos enterros coletivos. Depois que tudo se normalizou, a carroça mal assombrada, com o seu sinistro barulho, continuava a assustar a população local. A lenda da Carroça Mal Assombrada teria como cenário a rua Cândido Mariano, rua Batista das Neves (naquela conhecida com Peagaú, que ia até a Cacimba do Soldado, na atual Av. Isac Póvoas), descendo até a rua 13 de Junho, atingindo o antigo Lavra Pau, para retornar das proximidades do atual DNER até o bairro do Cai-Cai, passando pelo bairro da Cruz Preta. A citada carroça jamais foi vista, mas muitos disseram que ouviram o atrito das suas rodas nas pedras de cristal então existentes.

Em 1869, no livro “Notícia sobre a Província de Mato Grosso”, Joaquim Ferreira Moutinho, português que morou em Cuiabá na época, fala de uma profecia a respeito dessa calamidade, a maior já observada em uma cidade brasileira. O dr. Generoso Alves Ribeiro, notável inteligência do período provincial, estava se tratando de sérios problemas de saúde quando

antecipou toda a miséria. Para o médico José Antonio Murtinho, que governou Mato Grosso de 19 de setembro de 1868 a 26 de março de 1869, ele sentenciou: *“As ruas ficarão coalhadas de cadáveres ... As mães chorarão os sofrimentos dos filhos; os filhos os de suas mães ... Crianças, velhos, moços, moças, vagarão pelas ruas implorando a compaixão pública, que será surda aos seus clamores, porque cada um terá de lamentar a própria desgraça ... Grave aflição vai oprimir Mato Grosso”*. No imaginário cuiabano existem muitas narrativas sobre almas. Podemos lembrar o romance do caixeiro-viajante com uma mulher, no Palácio das Águias, embora ela tenha morrido três anos antes, ou a lenda de que após a morte de dom José Antonio dos Reis, o sobrado onde ele residiu, na rua Antonio Maria, ficava iluminado na hora da Missa do Galo, com vozes no seu interior.

O sobrenatural também está nas páginas de “No tempo das Cadeiras” de José de Mesquita. Ele conta o romance de Rodrigo e Umbelina. Ela residia no velho casarão existente na esquina da Rua Barão de Melgaço com a atual praça José Rachid Jaudy e ele numa casinha modesta que ficava ao lado. O namoro foi interrompido pelo pai da moça, um próspero português. A filha foi estimulada pelo pai a se casar com um primo, três vezes mais velho, mas que era proprietário de vastas áreas de terras na região de Serra-Acima, hoje Chapada dos Guimarães.

Desolado, Rodrigo viajou para o mais longe que pudesse alcançar. Depois de trinta anos de ausência, saudoso, voltou a Cuiabá e soube, através de sua mãe, que Umbelina já havia morrido. Ao anoitecer, repetindo o que sempre fazia quando era jovem, sentou-se à porta e sentiu que alguém o abraçava levemente, e dizia: “Escuta. Lembra-se dessa música?”. Eram as notas de uma “russiana” que Umbelina tocava ao cravo para dedicá-la ao namorado que só podia ouvi-la. Os acordes, agora, vinham de um piano executado por outra Umbelina, a neta daquela que embalou os seus sonhos de juventude.

O piano ficou em silêncio e Rodrigo volta, automaticamente, os seus olhos marejados de lágrimas para a janela do velho casarão na expectativa de rever a sua querida Umbelina. Por alguns segundos, ele viveu o passado na figura da neta, cópia fiel daquela a quem a ele tanto amou. Não portava o leque de plumas que compunha a cena de trinta anos antes, mas através dela, a sua Umbelina “voltava”, para dizer que não o havia esquecido.

É um emocionante exemplo de fidelidade ao verdadeiro amor, tão carente nos dias de hoje.

Nessa lenda ainda está presente o único mito de Mato Grosso que figurou no livro "Geografia dos Mitos Brasileiros", de autoria do renomado folclorista Câmara Cascudo: o Tibarané. Era "*um índio velho, de rosto enrugado, maltrapilho, andando silenciosamente ao entardecer*". Na lenda de Umbelina, o Tibarané é lembrado quando Rodrigo ainda jovem, não escondendo os seus sentimentos, assobiava algumas notas musicais da "russiana" que ela tocava em sua homenagem.

Acompanhando as antigas tradições cuiabanas, a sua mãe sempre lembrava que não se deve assobiar à noite, pois o Tibarané, "*alma de bugre*", aparece para pedir um pedacinho de fumo. José de Mesquita, com a sua capacidade de atingir o cerne das emoções humanas, aproveitou uma só narrativa para divulgar duas importantes lendas cuiabanas. Com o filho em lágrimas, ao contemplar a neta de Umbelina à janela, a sua mãe sente o quanto ela sofre e, também chorando, diz: "*Pode assobiar meu filho ... Anda. Desabafa. Na nossa idade, o Tibarané não vem mais.*" Outro exemplo: o amor de mãe é maior do que se pensa, pois rompe até o avanço do tempo.

Sobre as visões "do outro mundo", em Cuiabá, poderiam ser contadas várias histórias, todas interessantes. No livro "Roteiro Histórico e Sentimental da Vila real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá", o historiador Rubens de Mendonça lembrou um fato registrado em 1926. Após forte gripe, transformada em pneumonia e agravada para uma tuberculose galopante, uma "moça muito bonita e simpática" morreu em questão de dias. Tempos depois, quando nem se falava mais nela, a "visão" da moça, trajada de branco, passou a aparecer na Avenida Mário Corrêa. Não sabendo do caso, um morador do centro da cidade voltava de uma festa no Porto quando a viu e dela se aproximou. Ao ser reconhecida, ela desapareceu para sempre. Talvez, para preservar o nome da sua família.

Outra moça de branco também aparecia no Jardim Alencastro. No livro acima citado, Rubens de Mendonça contou a história do jardineiro Nicandro, que fechou o gradil então existente ao redor da praça e se deitou num dos bancos do coreto. Ao acordar por volta da meia-noite, o jardineiro viu o vulto de uma bonita mulher de branco e se levantou para abrir o portão. Ela logo saiu e foi em direção do antigo "Beco da Delegacia Fiscal", hoje rua

Cândido Mariano, onde o bonito rosto se transformou numa caveira. “Nem tudo o que reluz é ouro”, diz o adágio popular.

Continuando com as histórias a respeito de assombrações, no seu livro “Cuiabá - Roteiro das Lendas”, a professora Dunga Rodrigues narra uma sobre o perigo da calúnia. Refere-se a duas comadres, muito amigas, até o dia em que uma acusou a outra de estar seduzindo o seu marido. Ela julgava ter motivos para aquela suspeita e a sua raiva era tanta que nem conseguia dormir. Mas, o silêncio noturno foi interrompido pelo forte barulho na porta do casebre onde ela morava. Era o “demônio em pessoa, com chifres de veado, barbas de bode e rabo de cavalo”. A mãe da comadre caluniadora acordou com o barulho e “prostrou-se de joelhos, rezando o Credo”. Somente assim o demônio foi embora, levantando “um redemoinho de poeira, que derrubou os peixes do varal, as galinhas do poleiro e levantou as roupas do coradouro”. Depois de rezar, a mãe virou-se para a filha e disse: “Isso é castigo p’ra você não levantar calúnia em sua comadre”.

É ainda Dunga Rodrigues que conta um fato ocorrido na tradicional Pedra do 21, próximo da ponte Júlio Müller, no Porto. Sempre existiu ali uma outra lenda, a do jaú gigante, “tão cabeludo como um chimpanzé”. Os outros peixes até fugiam dele, de medo. Ele morava “nas furnas solapadas por baixo daquelas pedras” e gostava de afogar jovens. Certo dia, uma moça não acompanhou os conselhos dos mais velhos e foi tomar banho justamente onde as pedras desaparecem sob as águas mais profundas do rio Cuiabá. Depois de muito sacrifício, um segurando a mão do outro, os amigos da teimosa conseguiram salvá-la.

Jamais foi visto por qualquer pessoa. Por ser transparente, a identificação da sua cor é impossível à inteligência humana. Mesmo assim, o Negrinho da Desavença está consagrado entre as tradições dos moradores do Porto. Dizem até que ele era “retinto como carvão”, citando novamente Dunga Rodrigues, em “Cuiabá - Roteiro das Lendas”. Ele estimulava a malvadeza nos adultos e atiçava diferentes artimanhas na criançada. Ele era ainda, embora ninguém pudesse comprovar, o responsável até pelos bate-bocas dos residentes nas redondezas da Igreja de São Gonçalo, Arsenal de Guerra e Estádio Presidente Dutra. A imaginação popular é fértil, mas essa lenda tem um forte efeito pedagógico. Não devemos, por exemplo, acusar alguém se não tivermos provas ou transferir aos outros os nossos erros ou falhas.

De todas as lendas cuiabanas, a mais conhecida talvez seja a do Minhocão do Pari. São escassas as informações nela contidas, mas desperta o interesse popular até hoje. A sua cor seria preta e reluzente. Longo e cabeçudo, o minhocão é semelhante a uma grande serpente aninhada na foz do Ribeirão do Pari, que deságua na margem direita do rio Cuiabá. Este cenário da lenda fica logo abaixo da cachoeira do Pari. Verdade ou mentira, os moradores da região transmitem a lenda de geração em geração.

O Minhocão do Pari, sempre conforme a credence popular, vive próximo ao barranco. Geralmente está coberto por terra, semelhante a uma arraia. Com raiva ou com fome, ele aparece furiosamente, com a sua enorme cabeça sobre as águas. Nesses momentos faz a maior agitação, virando barcos, ameaçando pescadores e apavorando os moradores das duas margens do Rio Cuiabá. Do espetáculo dessa lenda, podemos tirar uma lição mais do que valiosa. O rio Cuiabá é importante e devemos preservá-lo, pois é a fonte de água e alimento. Verdadeiro ou não, tenham cuidado com o Minhocão do Pari, pois ele pode estar preparando em bote contra os depredadores.

As lendas já citadas poderiam ser catalogadas com a designação de folclóricas. Na verdade, todas as lendas são folclóricas pelo objetivo dos seus conteúdos, mas existem aquelas que não têm um cunho histórico, correspondendo a algo mais do que o saber popular. Uma delas, por exemplo, poderia ser classificada como antológica: a da Alavanca de Ouro. Possivelmente ela não retrate toda a veracidade do momento histórico em que os garimpeiros buscavam ouro ao redor do Igreja do Rosário. Foi esse ouro, vale lembrar, que assegurou o povoamento dos atuais limites urbanos de Cuiabá. Os bandeirantes pioneiros iniciaram a ocupação de Cuiabá pelo Arraial de São Gonçalo, na margem esquerda do Rio Cuiabá, mas depois se mudaram para o Arraial de Forquilha, na margem direita do Rio Coxipó do Ouro. A lenda da Alavanca de Ouro, se confunde, assim, com a história local.

Compreendendo o outeiro e as circunvizinhanças da Igreja do Rosário, as Lavras do Sutil (assim chamadas porque foram descobertas por Miguel Sutil de Oliveira) definiram a localização de Cuiabá. Ali, de acordo com os registros históricos, existiu a maior mancha de ouro jamais vista no Brasil. Vale lembrar que grande parte do rico mineral estava à flor da terra.

As pepitas, pelo considerável tamanho, serviram de apoio para as rústicas panelas das improvisadas cozinhas instaladas pelos pioneiros. Por ser abundante, o ouro substituía o chumbo, procedente da Europa, nas armas dos desbravadores.

Os bandeirantes estavam cavando naquele local quando observaram um objeto reluzente e maior do que as pepitas até então ali encontradas. Não queriam apenas ver, mas também alcançar aquele achado, movidos pela ganância, em busca da riqueza fácil. A forte luminosidade tinha a forma semelhante a uma alavanca usada na garimpagem e estava direcionada para dentro do chão. Contudo, quanto mais eles cavavam, mais ela se aprofundava, até o dia em que desapareceu para sempre, repetindo a lição daquele ditado popular: “Nem tudo o que reluz é ouro”. Ou ainda: “A riqueza não é eterna nem é tudo”.

Devem ser lembradas duas outras lendas, também consideradas históricas. São dois belos momentos da História de Mato Grosso, enriquecidos pela crença em valores que dignificam as nossas origens, notadamente no que se refere à fé religiosa, em pleno período colonial, quando os interesses de Portugal estavam acima dos sagrados direitos do nosso povo. Essas duas lendas estão relacionadas com a primeira igreja construída em Cuiabá, a do Senhor Bom Jesus, localizada na Praça da República, e hoje uma das raras basílicas existentes no Brasil. Ocorreram, de acordo com a tradição popular, nos anos de 1728 e 1729, impedindo o esvaziamento populacional da Vila Real criada em 1727, às voltas, então, com sérios problemas de sobrevivência.

No seu livro “Lendas e Tradições Cuiabanas”, Francisco Alexandre Ferreira Mendes, rememora esses dois importantes momentos históricos. Na Quaresma de 1728, aconteceu em Cuiabá um verdadeiro milagre. Na Quinta Feira Santa, a Matriz do Senhor Bom Jesus estava lotada. Era, na verdade, uma missa de despedida, pois quase todos os bandeirantes iriam partir para Goiás logo em seguida. A custódia, com o Santíssimo Sacramento, foi colocada no trono que era servido somente por uma escada.

Em determinado momento daquela cerimônia religiosa, a custódia se volta em direção da epístola, ficando de lado para o público. Vendo isto, um sacerdote subiu a escada e colocou a custódia voltada para os que assistiam à missa. Por três vezes seguidas, a custódia voltou-se para

a epístola. Os bandeirantes, ainda atônitos com o que acabavam de ver, decidiram permanecer em Cuiabá, afastando de uma vez por todas a ameaça de despovoamento da Vila Real recém-fundada.

No ano seguinte, o Senado da Câmara e as pessoas mais ricas adquiriram em Sorocaba uma imagem do Senhor Bom Jesus, o padroeiro da Vila Real. A viagem para Cuiabá foi interrompida em Camapuã, hoje Mato Grosso do Sul. Pedro de Moraes, o responsável pelo transporte, estava com problemas e por isto decidiu regressar. Nesse instante o milagre e a lenda se fundiram na crença popular. Tentando ajudar, outro comerciante tentou levar a imagem de volta à Sorocaba, mas não houve braço humano capaz de levantá-la.

Aquela força estranha foi interpretada como um milagre, que chegou ao conhecimento dos cuiabanos. O fato sobrenatural foi valorizado com a participação de Manoel Homem, apontado por alguns como foragido. Inexplicavelmente, foi ele quem construiu um rancho para proteger o caixote. Um comerciante cuiabano, viajando de regresso, ouviu em Guarapiranga, próximo de Camapuã, um curioso relato sobre a imagem que voltava ao seu peso normal quando alguém estava disposto a levá-la ao seu destino, que era Cuiabá.

Sabendo disto, os moradores da Vila Real providenciaram, de imediato, o embarque do Senhor Bom Jesus, que foi recepcionado festivamente no Porto, após longa viagem fluvial. Em procissão, com grande acompanhamento, a imagem foi conduzida até a antiga matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, construída em honra do Padroeiro da Capital mato-grossense. Essa procissão é recordada todos os anos, nas tardes do dia primeiro de janeiro. De uma pequena capela, construída como pagamento de promessa, a Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá é hoje um exemplo nacional de fé e de arquitetura religiosa.

Lenda ou milagre? Não importa. Cuiabá é um verdadeiro milagre urbano, se considerarmos as condições observadas em 1719. Muitos problemas já foram resolvidos e outros ainda existem, mas são superados pela decidida abnegação dos que aqui residem. Isto, reconhecemos, não é uma lenda, e sim uma realidade incontestável. O arraial implantado pelos bandeirantes paulistas é hoje uma das maiores capitais do Brasil, próxima de todas as capitais sul-americanas, interligando as duas maiores bacias

hidrográficas do mundo, a Amazônia e a Platina. Desafiando os séculos e os mpecilhos, Cuiabá é, ela própria, a confirmação de uma outra lenda, a da Fênix, que renasce das suas cinzas, e que está no alto do seu secular brasão de armas, enviado de Lisboa ainda no período colonial.